

**PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
SOBRE ALUNOS NEGROS**

Vilma Aparecida de Pinho¹

Prof^{ra}. Ms. em Educação e da SME – Cuiabá

O trabalho que se apresenta tem o objetivo de discutir a respeito de percepções de professores de Educação Física sobre alunos negros. O estudo faz um levantamento histórico da utilização de teorias racistas pela elite brasileira, em especial pelos médicos eugênicos higienistas, cujos profissionais foram precursores da Educação Física no Brasil.

Racismo é uma palavra surgida em 1930, para identificar um tipo de doutrina em que sua essência afirma que a raça determina a cultura. A ideologia (o racismo) que a elite brasileira utilizou para implementar políticas nacionalistas está profundamente arraigada no pensamento ocidental de modo que características raciais continuam produzindo significados sociais. No Brasil, o racismo alcançou legitimidade com o uso de teorias racistas e houve sem dúvida contribuição concreta da utilização de tais teorias para a instauração do racismo corrente e ordinário, conforme afirma Roberto DaMatta (1987),

“No século XIX, o racismo aparece na sua forma acabada, como um instrumento do imperialismo e como uma justificativa ‘natural’ dos povos da Europa ocidental para o resto do mundo. Foi esse tipo de ‘racismo’ que a elite intelectual brasileira bebeu sofregamente, tomando-o como doutrina explicativa acabada para a realidade que existia no país” (op.cit. p.70).

Sabe-se² que o pensamento científico brasileiro foi influenciado pelas teorias racistas tanto de origem norte-americana como européia a matriz central desses pensamentos se apoiava na evolução social da raça branca e na degeneração dos mestiços.

De um modo geral, os cientistas adeptos dessas idéias postulavam a hierarquização das raças humanas, colocando a raça branca como superior em

¹ Mestre em educação, professora do ensino fundamental/SME. vilmapinho@terra.com.br

² De acordo com Seyferth (1993), 1850 foi a data do fim do tráfico negreiro e da formulação de uma política imigratória mais consistente, implícita na lei 601, a lei da terra. Abolição e imigração são dois temas discutidos juntos: a escravidão condenada como empecilho ao desenvolvimento econômico; e à imigração justificativa para a civilização.

qualidades em relação às outras. Os cientistas utilizavam estudos da frenologia e da antropometria que interpretavam a capacidade humana a partir do tamanho e proporção do cérebro de diferentes povos, de modo que acreditavam na determinação biológica de qualidades morais, psicológicas, intelectuais e de saúde, ao longo da transmissão de caracteres físicos.

O pensamento médico é particularmente importante destacar, tendo em vista a Educação física ter se originado no país por força desses profissionais. Os médicos cientes das teorias oriundas da Europa apontavam a doença enquanto sinal da degenerescência mestiça. Por exemplo, a sífilis era definida como “Mal degenerativo, digno de atenção dos que estudam tudo que se refere aos fatores de desenvolvimento físico e intelectual das raças” (SCHWARCZ 1993, p.207). A associação entre doença e mestiçagem era demonstrada não só por meio de relatos médicos, estatísticas, imagens e fotos publicadas nas Gazetas, como também a população pobre e doente era exposta como se fosse um grande laboratório humano para exemplificar as teorias, de modo que as epidemias não eram vistas apenas como epidemias, e sim como uma larga distância entre a “perfectibilidade” e a “fraqueza biológica”.

Reis (1999) assinala que os negros eram tidos como candidatos naturais a uma vaga no hospício, posto que, segundo o discurso psiquiátrico, eram portadores de traços degenerativos próprios de sua condição racial, “os estigmas de degeneração física que apresenta são comuns de sua raça: lábios grossos, nariz esborrachado, seios enormes, pés chatos” (REIS, 1999, p.32). Uma vez no hospício,

Os negros, embora constituam uma parcela imensa da população do hospício, merecem pouca atenção e despertam pouco interesse científico, na medida em que portariam por nascimento ‘traços de degeneração’ que o organicismo atribuíra atavicamente à sua raça: beócios, primitivos e pouco dignos de interesse humano, social ou médico (CUNHA apud REIS 1999, p.32).

As elites brasileiras movidas pelo ideal do branqueamento e de aperfeiçoamento eugênico fizeram com que um conjunto de propostas ganhasse sentido claramente articulado entre si, dentre elas a “imigração selecionada”, “o combate sem trégua ao alcoolismo”, “o exame pré-nupcial”, “a segregação por motivo eugênico”, “a higiene mental e física”.

Dentre as articulações devidamente pensadas eis que surge o incentivo a prática de esportes, a Educação Física e a higiene como antídoto para todos os males. A Educação Física teve a peculiaridade de originar numa perspectiva de atender a um ideal eugênico, com objetivos de assegurar a saúde e o vigor dos corpos, aumentar a reprodução e a longevidade dos indivíduos, e a melhoria dos costumes “privados” e da moral pública da população com a finalidade de tentar criar uma população racial e socialmente identificada com a camada branca.

Soares (1993) afirma que, no Brasil, a influência do pensamento europeu na Educação Física, através da voz dos médicos anatomistas e fisiologistas, para o desenvolvimento da ginástica teve papel fundamental. Entretanto, a autora enfatiza que era uma ginástica funcional e fragmentada que tomou formas de elementos e normas morais e disciplinadoras. Por meio dos exercícios bem orientados, seria possível na percepção de médicos melhorar e regenerar a nossa raça.

Quanto à Educação Física, particularmente a escolar, privilegiam em suas propostas pedagógicas aquela de base anátomo-fisiológica, retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral (SOARES, 1994, p.87).

No imaginário social da sociedade brasileira é engendrada a valorização da referência identitária europeizada: branco, cristão, homem e heterossexual em detrimento da diversidade racial e cultural que existe em nosso país.

Nós professores de Educação Física fomos socializados em uma sociedade em que as idéias racistas foram altamente difundidas, por meio de estereótipos negativos de negros, da valorização da branquidão por parte da mídia, dos livros didáticos, da religião, da convivência com pessoas racistas, e, enfim, por ser a identidade construída por meio das relações, uma criança quando nasce incorpora os valores da sociedade, ainda que lhe sejam repassados de forma simbólica. De modo que constatou-se percepções que foram estruturadas em crenças ideológicas que se encontram arraigados no imaginário social, pois os resultados obtidos na análise do estudo por meio das declarações, condutas e atitudes revelaram o quanto esses profissionais estabelecem relações no cotidiano escolar baseadas em estereótipos negativos de negros e no preconceito racial.

McLAREN (1991), indica que “é importante reconhecer que os estudantes têm corpos e são corpos” (345). Entretanto, foi possível observar que os professores de

Educação Física “percebem” “o corpo enquanto local ideológico” (McLAREN, 1991, p.346), e ao perceber, discriminam os negros e os diferentes. Os corpos (os alunos) que se vestiam diferentes usavam tatuagens, brincos e colares; pintavam cabelo, eram vistos enquanto desordeiros. A ênfase é que os alunos que mais sofriam controles sociais dos professores eram negros, pintavam o cabelo de loiro usavam tatuagem, colares e brincos.

Observando as relações e percepções de professores de Educação Física sobre alunos negros, pode se constatar a naturalidade com que valorizavam as crianças de pele mais clara, enaltecendo a “beleza” e a inteligência dessas crianças enquanto as crianças negras são tidas como exemplo a não ser seguido.

“Ela é a melhor a mais bonita. As outras meninas (mulatas conforme o professor às apontou depois) são briguentas reúnem e dão uma surra, pra pessoa ficar na dela, assim que elas são. As meninas daqui não sabem conversar, são grossas. Ela não (a branca). Ela é delicada, gentil sabe abordar a gente e puxar um assunto. Isso incomoda as outras”.

Os professores evitam contatos de afeto com crianças negras, pois ocorreram abraços, beijos, elogios e gestos de cumplicidades com crianças brancas. Os contatos físicos dos professores nas crianças negras ocorreram quando era para puxa-los pelo braço para tira-los do jogo, (em caso de brigas). Teciam comentários sobre o fenotípico das alunas negras do tipo: “Não fica bem para uma menina pequena ter cabelos muito compridos, é...”. (pegava com a ponta dos dedos nos cabelos da menina com expressa facial de ojeriza, ela não comentava sobre os cabelos compridos das meninas brancas).

Verificou-se a associação de alunas negras à promiscuidade e degenerescência social; desvalorização das potencialidades dos alunos negros; associação dos alunos dos bairros periféricos à anomia social; coisificação da criança negra; relações afetivas estabelecidas apenas com crianças brancas e muito raramente com as pardas; rejeição às alunas negras.

Não se faz uma relação direta da percepção de professores de Educação Física sobre alunos negros e as teorias racistas, entretanto certamente há uma contribuição efetiva de tais teorias no nosso pensamento. Pois, o racismo é uma ideologia corrente e ordinária que por mais que o individuo não consiga provar por meios científicos a suposta “inferioridade do negro”, acredita que fenótipo tem nada a ver com capacidade, saúde, comportamento.

Reflexões acerca de Educação Física e relações raciais é importância, tendo em vista a relevância da ludicidade e dos jogos trabalhados de forma historicizada com o objetivo de contribuir para a construção de identidade racial e pessoal das crianças negras. No nosso imaginário não existem conhecimentos registrados sobre o negro de forma positiva, portanto a escola tem que falar sobre isso. E, os professores de Educação Física especialmente por ter a oportunidade de desconstruir os pensamentos negativos a respeito do ser negro, justamente por ter a possibilidade de trabalhar de forma lúdica as questões relacionadas ao corpo, podendo reafirmar a auto-estima positiva de alunos negros e desse modo contribuir para a minimização dos processos intra-escolares de discriminação racial.

BIBLIOGRAFIA:

DA MATTA, Roberto. *Digressão: a fabula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira*. In *Relativizando: uma introdução à Antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

MCLAREN, Peter. *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Tradução: Juracy C. Marques, Ângela M. B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

REIS, Jose Roberto Franco. *Estudos Afro-Asiaticos – CEAA. Raça, imigração e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, n ° 36. Dezembro de 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: ciências, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

SEYFERHT, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. Anuário antropológico/93 do Museu nacional. Rio de Janeiro: tempo brasileiro 1995.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

SOARES, Carmem. *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*. Campinas – SP: Editora Autores Associados, 1994. (Coleção educação contemporânea).